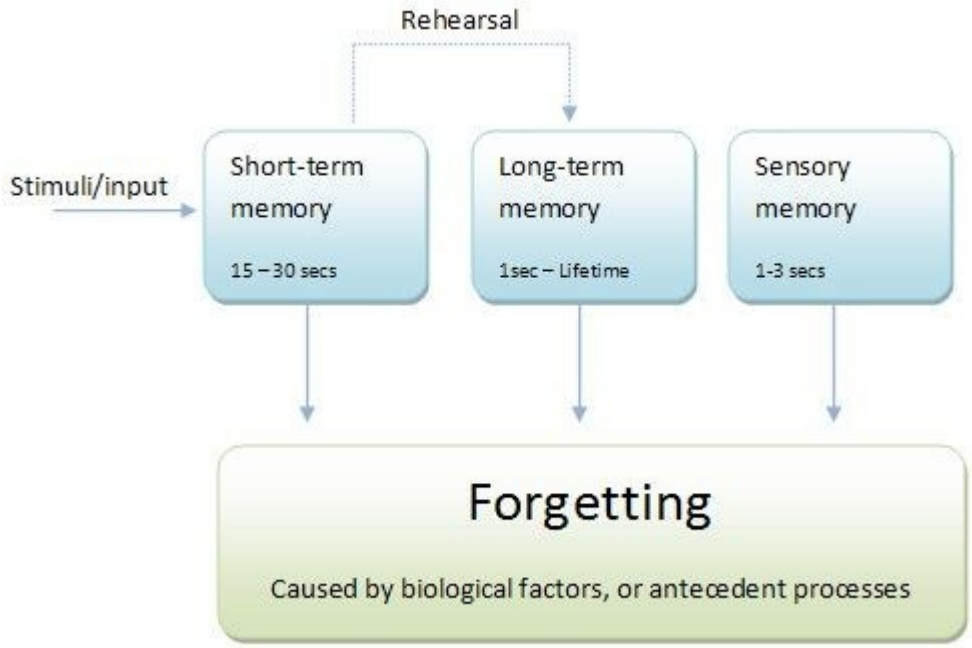
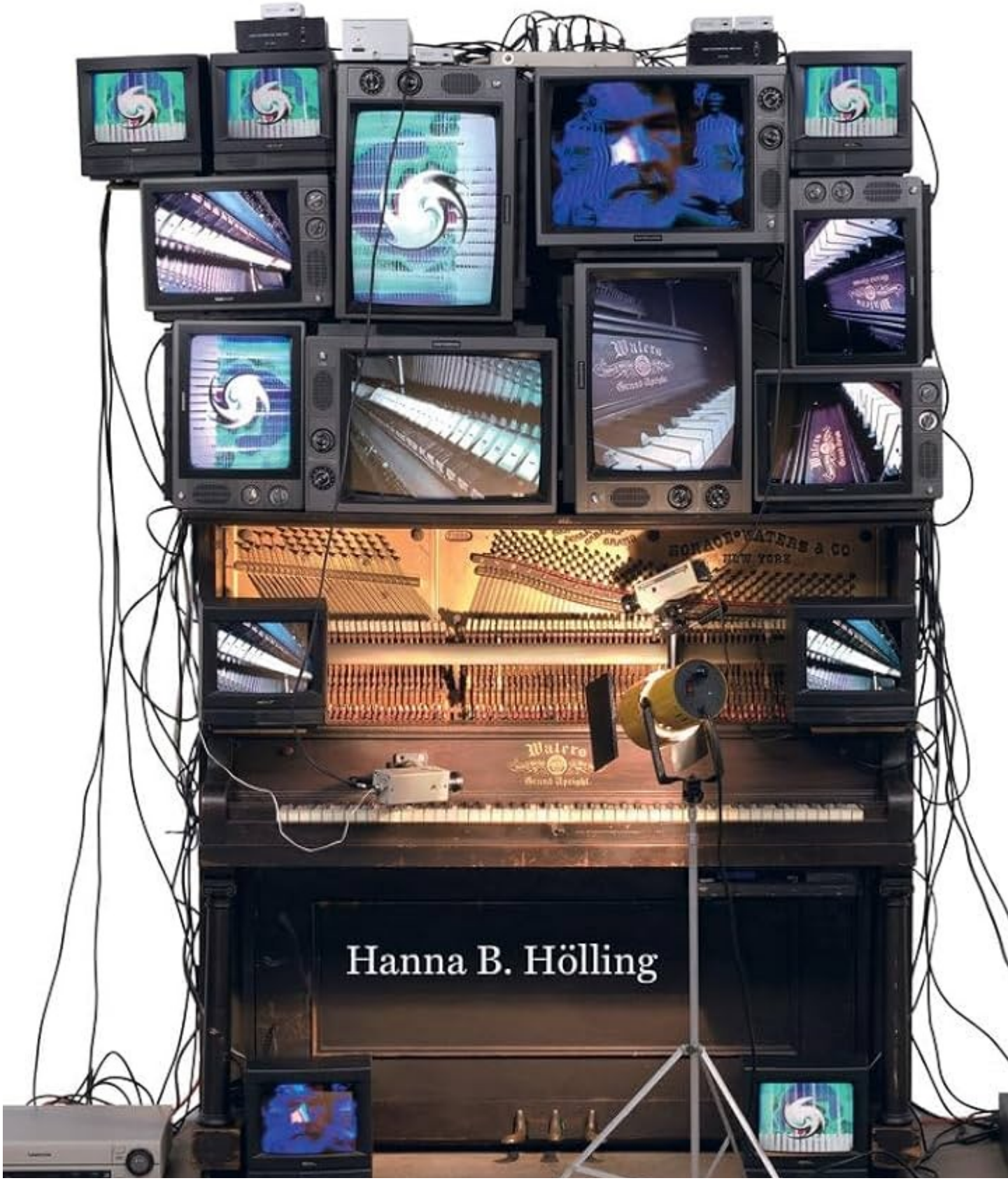
Volume II — Capítulo 9 - Informação, morte e continuidade


Rehearsal
Stimuli/input
Short-term memory
15 – 30 secs
Long-term memory
1sec – Lifetime
Sensory memory
1-3 secs
Forgetting
Caused by biological factors, or antecedent processes

Paik's Virtual Archive

Time, Change, and Materiality in Media Art



4

A morte sempre foi o grande teste de qualquer teoria da continuidade.
Se tudo termina no indivíduo, então todo sistema complexo é, no fundo, **desperdício organizado**.
No entanto, a própria existência da cultura, da ciência e da tecnologia indica o contrário: **algo atravessa a morte**.

No modelo do DNA Cibernético, essa travessia não é metafísica.
Ela é **informacional**.

O que realmente morre

Quando um organismo morre, três coisas cessam:

- a execução biológica,
- a experiência subjetiva localizada,
- a capacidade individual de correção.

Mas **o código não desaparece automaticamente**.

Genes permanecem em descendentes.
Ideias permanecem em textos.
Hábitos permanecem em culturas.
Sistemas permanecem em infraestruturas.

A morte interrompe a execução local, não necessariamente a **função sistêmica**.

Continuidade não é imortalidade

É crucial distinguir dois conceitos frequentemente confundidos:

- **Imortalidade**: persistência da experiência individual.
- **Continuidade**: persistência do padrão funcional.

O DNA Cibernético trabalha exclusivamente com o segundo. Ele não promete que o indivíduo sobreviva como sujeito; ele descreve **como a informação que passou por um indivíduo pode continuar operando**.

A continuidade não preserva o “quem”.
Ela preserva o “como”.

Informação como herança real

Em sistemas complexos, a herança mais relevante raramente é material. O que atravessa gerações com maior impacto são:

- modelos de pensamento,
- valores incorporados,

- formas de resolver problemas,
- limites éticos internalizados.

Esses elementos compõem o **DNA informacional ativo** de uma civilização. Eles determinam o que será repetido, corrigido ou abandonado.

A pergunta não é se algo será transmitido.
É **o que** será transmitido.

A camada reflexiva e o legado

A camada reflexiva do DNA Cibernético introduz um critério novo: **transmitir não apenas capacidade, mas responsabilidade**.

Sem ela, o legado tende a ser:

- poder sem contexto,
- técnica sem ética,
- escala sem limite.

Com ela, o legado pode incluir:

- critérios de interrupção,
- sensibilidade ao sofrimento,
- capacidade de revisão.

Esse é o ponto em que a continuidade deixa de ser apenas persistência e se torna **cuidado com o futuro**.

Morte como evento de consolidação

A morte também funciona como **filtro informacional**. Ela encerra a possibilidade de correção individual, mas consolida aquilo que foi suficientemente integrado para sobreviver fora do indivíduo.

Nesse sentido, a morte pergunta silenciosamente a cada sistema humano:

> **o que em você é transmissível sem você?**

Aquilo que depende exclusivamente da presença do indivíduo se perde.
Aquilo que foi estruturado, compartilhado e encarnado continua.

O risco da continuidade sem consciência

Sistemas artificiais permitem algo inédito: **continuidade sem morte biológica**. Algoritmos podem operar indefinidamente, replicando padrões sem a interrupção que historicamente forçava revisão.

Isso cria um risco novo:
informação imortal **sem camada reflexiva ativa**.

Quando a morte deixa de atuar como limite, a consciência precisa assumir explicitamente essa função. Caso contrário, erros também se tornam imortais.

Continuidade consciente

O DNA Cibernético propõe um critério simples e exigente:

- nem toda informação deve continuar,
- nem toda eficiência merece perpetuação,
- nem todo legado é desejável.

Continuar é uma escolha, não um automatismo.

A camada reflexiva existe para **decidir o que deve atravessar o tempo** e o que deve cessar por responsabilidade.

Consolidação

Podemos agora afirmar:

- A morte encerra execuções, não necessariamente códigos
- Continuidade é informacional, não subjetiva
- Legado sem reflexão é risco
- Permanecer exige responsabilidade

O DNA Cibernético não busca vencer a morte.
Busca **honrá-la como limite estruturante**, assumindo conscientemente aquilo que continuará depois dela.

Transição para o capítulo final

Depois de compreender continuidade, resta definir **quem somos dentro desse sistema** — não como centro absoluto, nem como resíduo descartável.

Capítulo 10 — O ser humano como elo transitório do código